

UM SOPRO DE VIDA: A GÊNESE DO OUTRO PARA A PRÓPRIA CRIAÇÃO

Juliana Gervason Defilippo¹

RESUMO: Este artigo pretende explorar a questão da criação na obra *Um sopro de vida (pulsações)*, de Clarice Lispector. Percebe-se neste livro que a identidade se estabelece a partir da gênese do outro: Deus cria o Autor que cria Ângela que cria Deus. Através da palavra, criadores e criaturas estabelecem entre si um processo de construção da própria identidade e de representação do outro.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Gênese; Criação; Clarice Lispector.

ABSTRACT: This article has the intent of exploring the matter of creation in the title *Um sopro de vida (pulsações)*, by Clarice Lispector. It's noticeable in this book that the identity is established from the other's genesis: God creates the author who creates Ângela who creates God. Through the word itself, creators and creatures establish between themselves a process of building their own identity and representation of the other.

Keywords: Genesis; Creation; Clarice Lispector.

Sou um objeto querido por Deus.
E isso me faz nascerem flores no peito.
Ele me criou igual ao que escrevi agora:
‘sou um objeto querido por Deus’
e ele gostou tanto de me ter criado
como eu gostei de ter criado a frase.
E quanto mais espírito tiver o objeto
humano mais Deus se satisfaz.

(Clarice Lispector)

Um sopro de vida (pulsações) é romance póstumo. De acordo com Olga Borelli, o livro foi iniciado em 1974 e concluído apenas em 1977, ano da morte da escritora. Escrito, portanto, no mesmo período que *A hora da estrela*, a obra ficou parcialmente inacabada e sua publicação foi resultado de um criterioso trabalho por parte de Olga Borelli, uma vez que o texto se encontrava ainda desordenado em manuscritos. A respeito do livro, Clarice afirmava ter sido escrito em agonia, pois, nas palavras de Olga, nasceu de um impulso doloroso que ela não podia deter.

¹ CES/JF-SMC - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora - Programa de Mestrado em Letras, Literatura Brasileira - Juiz de Fora, MG, Brasil - julianagervason@pucminas.cesjf.br

Das epígrafes que abrem a obra, há um versículo bíblico retirado do livro *Gênesis*², uma frase de Nietzsche³, outra frase de Andréa Azulay⁴ e longo trecho composto por versos, assinado pela própria escritora⁵. A obra é dividida em três partes, com os seguintes títulos: “O Sonho Acordado É Que É A Realidade”; “Como Tornar Tudo Um Sonho Acordado?” e “Livro de Ângela”. De acordo com a biógrafa Nádia Batella Gotlib, o livro pode ser sintetizado da seguinte maneira:

Assim, o fio do enredo consiste na história de um autor (o Autor), que escreve um livro sobre uma autora (Ângela Pralini) que escreve um livro sobre... si mesma como autora, ou seja, Clarice Lispector, que é ela mesma (ortônima), enquanto o autor e a autora (personagens e espécie de heterônimos). (GOTLIB, 2009, p. 591).

O enredo da obra gira, portanto, ao redor da criação subsequente de personagens que necessitam umas das outras para existir.

Um sopro de vida que recebe como parte do título o termo *pulsações* é obra densa, intensa e inovadora. Não há, como nos outros livros da escritora, manutenção de uma estrutura narrativa. Affonso Romano de Sant’anna, em seu estudo *Análise estrutural de romances brasileiros*, publicado no ano de 1973, irá fazer um breve levantamento sobre a crítica do início da carreira da escritora, mostrando que já naquele primeiro momento percebia-se sua narrativa com uma estrutura complexa. Alguns críticos viram nisso, inclusive, o que poderia ser o maior defeito daquela iniciante nas letras. Affonso irá ainda reafirmar que, à medida que os livros vão se delineando até o último, essa característica não apenas se mantém como se apresenta basilar para o estudo dos romances e textos da escritora. Ou seja, o que poderia ter sido apenas um defeito é, na verdade, cerne de sua criação. Desinteressado dos referentes externos, os textos apresentam geografia e história em situações acidentais, não se construindo como uma literatura realista, mas simbólica.

No caso de *Um sopro de vida*, sem indicações suficientes de tempo, espaço ou até mesmo um enredo claro, o livro se constrói em torno de um escritor e sua personagem. Além do claro paralelo com a Bíblia ao intitular o livro como *Um sopro de vida* e citar *Gênesis* logo

² Gn 2,7: “Do pó da terra formou Deus-Jeovah o homem e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida. E o homem tornou-se um ser vivente.”

³ “A alegria absurda por excelência é a criação.”

⁴ “O sonho é uma montanha que o pensamento há de escalar. Não há um sonho sem pensamento. Brincar é ensinar idéias.”

⁵ “Haverá um ano em que haverá um mês, em / que haverá uma semana em que haverá um / dia em que haverá um minuto em que haverá um segundo e / dentro do segundo haverá o não-tempo / sagrado da morte transfigurada.”

na primeira página, Clarice apresenta uma obra em que a criação é a palavra que sustenta o livro e a ela a escritora faz referências em vários momentos da história.

A pesquisadora Berta Waldman, em seu estudo “A retórica do silêncio em Clarice Lispector”, irá apontar a importância da criação nesta obra. Na análise de Berta, essa criação se faria no plano da palavra, da literatura e não se daria apenas neste livro em particular, mas em toda a obra da escritora. Para ela, Clarice seria uma escritora iconoclasta por empreender, através de seus livros, a busca de algo a que não se chega. E ao realizar esta busca, Clarice criaria em diversos momentos uma estética em que o silêncio

é identificado com o desconhecido, com aquilo que ultrapassa aquele que enuncia, mas que ainda é ele, fazendo-se uma clara alusão tanto ao inconsciente, quanto a Deus, ambos amplamente mencionados na obra da autora, este, como o inominável e o intangível, e o inconsciente como ‘aquele que não sabe’, como o lugar dos ‘sonhos que são o modo mais profundo de olhar’. (WALDMAN, 2003, p. 05).

Berta analisa a obra de Clarice a partir da perspectiva judaica e enriquece os estudos sobre a autora ao afirmar que não temos apenas a perspectiva desta religião em seus textos, uma vez que a escritora, ciente do sincretismo religioso que se estabelece no Brasil, circula entre cristianismo, judaísmo e outras práticas sem necessariamente se prender a nenhuma delas: “Neste caldo cultural, porém, as Escrituras têm seu lugar de destaque” (WALDMAN, 2003, p. 24).

A partir da questão judaica, levantada por Berta, o silêncio na obra de Clarice é um eco do Deus que ali se revela. Ou seja, este Deus judeu só se revelaria através do silêncio, uma vez que a apresentação de sua imagem ou de sua voz seria proibida para os judeus. A mística judaica estaria não só presente como latente na sua obra, mesmo que ela tenha tentado se desvencilhar e se desenlaçar do judaísmo várias vezes por questões pessoais e sociais.

*

Primeiro livro do *Antigo Testamento*, *Gênesis* compõe-se de 50 capítulos que apresentam tanto a criação do mundo quanto o nascimento do primeiro homem, do pecado e, através de longas narrativas, da formação das primeiras famílias e nações. Em outras palavras, é o livro judaico-cristão da criação do mundo, da humanidade e do povo de Deus.

Para a análise que aqui será feita, apenas os 11 primeiros capítulos nos servirão de referencial, uma vez que apresentam as origens do mundo, da vida e o processo da história da

humanidade. Os capítulos restantes formam um conjunto de narrativas que não importam frente ao recorte escolhido.

Deus cria, de acordo com *Gênesis*, todo o universo em cinco dias; no sexto, volta-se para o que seria sua criação mais importante: o homem. Segundo os biblistas Storniolo e Balancin,

o próprio homem nasce da terra e é formado por Deus, como se este fosse um oleiro modelando um vaso, só que um vaso vivo, graças ao ‘sopro de vida’ (=respiração), de modo a tornar-se um ser vivo. Percebemos que essa concepção nasce num mundo artesanal: o homem fabrica objetos, mas só Deus tem o poder de fazer o vaso humano com vida. (STORNIOLO; BALANCIN, 2008, p. 16).

Em seguida à criação deste homem, para que o mesmo pudesse sentir um outro, Deus criou a mulher. Expulsos do paraíso, após cederem ao chamado da serpente e faltarem com a confiança de Deus, Adão e Eva gerarão um filho, “à sua imagem e semelhança”. Tendo sido ambos também criados à imagem e semelhança de Deus, o que ficará evidente é que toda a humanidade é portadora da imagem e semelhança de Deus, ou seja, a transmissão da vida é um processo sagrado, pois nela Deus sempre está presente.

O que se realiza no livro de Clarice *Um sopro de vida (pulsações)* é também um processo de criação de vida. O Autor cria a sua personagem e a temática da obra gira em torno deste movimento, incluindo-se aqui inclusive a consciência que o Autor possui de ser capaz de gerar vidas, tal como faz Deus. Na verdade, essa concepção se faz de maneira cíclica, a saber: Deus cria o Autor, o Autor cria Ângela, Ângela cria Deus. E o Autor, que se achava no topo da criação, percebe sua dependência dos outros dois para poder existir, como podemos ver nas passagens destacadas abaixo:

[Autor] Foi Deus que me inventou e em mim soprou e eu virei um ser vivente. (LISPECTOR, 1999, p. 28).

[Autor] Como eu ia dizendo: foi Deus que me inventou. Assim também eu – como nas olimpíadas gregas os atletas que corriam passavam para frente o archote aceso – assim também eu uso meu sopro e invento Ângela Pralini e faço-a mulher. Mulher linda. (LISPECTOR, 1999, p. 73).

[Autor] Um homem imaginou Deus e fez uma cadeira, nessa cadeira deve estar um pouco de energia desse homem. Tal é o espírito das coisas feitas, coisas vividas. Eu inventei Deus – e não acredito n’Ele. É como se eu escrevesse um poema sobre o nada e me visse de repente encarnado frente a frente o próprio nada. Deus é uma palavra? Se for estou cheio dele: milhares de palavras metidas dentro de um jarro fechado e que às vezes eu abro – e me deslumbrro. Deus palavra é deslumbrador. (LISPECTOR, 1999, p. 127).

Com *Gênesis*, a afirmação central de que Deus criou todos os seres tem consequências relevantes, uma vez que a concepção de quem é Deus é ampliada e ele passa a ser visto como o Senhor supremo do Universo, acima de qualquer outra coisa. Tanto no livro bíblico quanto na obra de Clarice, o homem é moldado tal como um vaso, e da matéria morta (o barro), após o sopro de vida, torna-se um ser vivo. Enquanto no *Gênesis* Adão percebe-se humano por compartilhar a existência com o outro – Eva –, em *Um sopro de vida* o Autor percebe-se vivo por compartilhar sua existência com Ângela que é, ao mesmo tempo, seu outro e sua criação.

*

Assim como acontece na obra *A hora da estrela*, o Autor de *Um sopro de vida* sustenta praticamente todo o discurso e é o responsável pela existência da personagem. A diferença é que o livro agora explorado não apresenta um enredo tal como acontece com aquele; há apenas o Autor e sua personagem criada. Depois de uma breve introdução, o discurso de ambos vai se intercalando, apresentando suas vozes que alteram reflexões sobre a própria existência com a abordagem de ponderações banais a respeito de situações corriqueiras.

O Autor, como criador, concebe e controla a existência de Ângela, apresentando-se como um Deus, mas entendendo que, apesar de ser criador, não está acima do Deus que ele concebe como real. Ou seja, embora assim como Deus ele também seja capaz de criar, não se estabelece aí uma relação de conflito, uma vez que Deus continua acima dele. No entanto, o ato da criação não fica restrito apenas ao divino, sendo exercitado por ele através da palavra e da literatura. Consciente de que é o criador capaz de soprar vida em sua personagem, o Autor passa a obra ao seu lado, dialogando com seus pensamentos, suas anotações e suas inquietações. A existência do outro, no caso Ângela, permite que o Autor se reconheça enquanto um Eu, uma vez que estabelece com este outro um diálogo que lhe é vital. E, neste diálogo vai realizando também uma interessante argumentação a respeito de Deus, da Sua existência e, de certa forma, da sua própria experiência com o Sagrado. O Autor se define como um escritor e explica que sua criação depende sobremaneira de sua inspiração. Assim, seus personagens nascem de “lugar nenhum” e, ao contrário do que muitos poderiam achar,

inspiração⁶ não é loucura, “É Deus” (LISPECTOR, 1999, p. 17). Tanto a inspiração – responsável pelo seu fazer literário – quanto Deus estariam acima de seu próprio arbítrio ou desejo, estariam muito além dele mesmo.

Ainda nesta introdução do livro, quando a voz de Ângela sequer existe porque ela ainda não foi criada, o Autor justifica o ato da escrita explicando que o faz porque não sabe o que fazer consigo mesmo. E, em seguida, levanta uma série de questionamentos sobre alma, existência, passado, presente e futuro. Neste momento, a respeito de Deus o Autor irá afirmar

Deus não deve ser pensado jamais senão Ele foge ou eu fujo. Deus deve ser ignorado e sentido. Então Ele age. Pergunto-me: por que Deus pede tanto que seja amado por nós? resposta possível: porque assim nós amamos a nós mesmos e em nos amando nós nos perdoamos. E como precisamos de perdão. Porque a própria vida já vem mesclada ao erro. (LISPECTOR, 1999, p. 19).

A figura de um Deus arredio e carente faz-se já no início de *Um sopro de vida (pulsações)*, mas o fato Dele ser assim só sustenta o que seria sua característica maior: dependência do ser humano e, principalmente, de seu amor. De acordo com o Autor, Deus criou o homem por precisar da alteridade, para suprir Sua própria solidão.

Assim como Deus precisou de Adão para se conhecer e se reconhecer no mundo e Adão precisou de Eva para realizar sua alteridade, o Autor precisará de Ângela para, como ele mesmo afirma, entender a falta de definição da vida. (LISPECTOR, 1999, p. 19).

Na primeira parte da obra, intitulada “O Sonho Acordado é Que é a Realidade”, o Autor apresenta Ângela, sua criação, explicando que ela se manifesta como seu reflexo. Enquanto cria a personagem para quem dará voz mais adiante, ele afirma que é também criado por Deus: “Foi Deus que me inventou e em mim soprou e eu virei um ser vivente” (LISPECTOR, 1999, p. 28). E em monólogo que realiza com a personagem, ele se certifica de que são iguais, explicando que, assim como ela, ele não pôde controlar ou questionar a sua própria criação. De modo que, tal como Deus, ele dará o sopro de vida independente da vontade de Ângela, como também aconteceu com ele. Enquanto criadores, ele e Deus têm, portanto, o poder de decidir o que será criado e, ao mesmo tempo, a arbitrariedade dessa criação.

Logo, estabelece-se uma conexão entre o Autor e Deus, e ambos tornam-se grandes por possuírem o poder da criação. No entanto, o próprio Autor declara-se diferente de Deus e pretende permitir que Ângela seja quem ela quiser, uma vez que ele não suportaria o papel

⁶ Cabe aqui ressaltar que a palavra “inspiração” vem do grego (in-spirar) e significa “ter dentro o Espírito”.

divino de decidir e julgar a respeito da vida humana. Diferente, portanto, de um Deus que se apresenta como juiz dos homens, ele prefere liberar sua personagem e não julgá-la. Até porque o Deus de Ângela difere do Deus do Autor uma vez que cada um tem, a respeito de Deus, uma experiência diferente. Ângela não estaria, portanto, preparada para compreender essa relação.

Após este momento, Ângela passa a ter voz na obra e os discursos de ambos vão se intercalando, com a predominância das falas do Autor. A verdade é que ser Deus o inquieta; afinal, em outro momento, mais adiante, percebe que, tendo dado a vida à Ângela, lhe é também possível tirar essa vida, e por isso ele se incomoda: “Quando penso que eu poderia fazer com que ela morresse, estremeço todo” (LISPECTOR, 1999, p. 57). Mais uma vez, o Autor se coloca ao lado de Deus enquanto criador, porém não se mostra íntimo e satisfeito com seu papel. Deus, que é aquele que julga e que dá a vida, podendo também tirá-la, acaba se tornando um ser corajoso, mas sobretudo injusto, já que o Autor, ao se afeiçoar pela personagem, não se sente mais à vontade em exercer sobre ela seu papel, atribuindo a isso um grau de desconforto ao que lhe tornaria detentor da vida e da morte de Ângela: “não a julgo” e “estremeço”. Inventado por Deus e inventor de Ângela, o Autor percebe que sua vida depende de ambos para ser concreta e que o segredo da vida é ser o outro.

O caminho da prece, buscado por Joana em *Perto do coração selvagem* e G.H., em *A paixão segundo G.H.*, se faz também presente neste livro em análise. No entanto, diferente de Joana, que evoca o outro (Deus) em sua prece de desespero, e G.H., que reza pela ausência do outro (de Deus) e para que ela possa se encontrar, o Autor, consciente de que a prece leva ao outro (Deus), sabe-se em constante estado de graça e compreende que Deus está dentro dele e não fora.

Ângela pensa que estado de graça ou de vida está em realizar-se no mundo externo. Mesmo Deus ela se força a conquistar, tornando-o o mundo externo. Mas quem vive em estado de graça, não permanentemente mas com muita frequência, sou eu. Consegui isto através de um desapego em relação ao mundo. Vivo um vazio que se chama também plenitude. Não ter me cumula de bênçãos. Quanto à minha vida prática consegui viver em cidade grande e turbulenta como se ela fosse provinciana e fácil. (LISPECTOR, 1999, p. 82).

O Autor, em *Um sopro de vida (pulsações)*, ao reabilitar as imagens de Deus, se reconcilia com elas. E não pretende nenhuma ciência sobre Deus, uma vez que é capaz de saborear Sua sabedoria revelada através do outro, incluindo através de Ângela (BOFF, 2002).

Assim, é possível perceber que tanto a experiência do eu, quanto a experiência de Deus, só são possíveis porque o personagem vivencia a experiência da criação do outro e, conseqüentemente, de si mesmo.

E o Autor, ao constatar que sua existência está em constante transformação no mundo, afirma que vive “de esboços não acabados e vacilantes”, mas equilibra-se como pode entre “mim e eu, entre mim e os homens, entre mim e o Deus” (LISPECTOR, 1999, p. 86).

*

Na terceira parte do livro, intitulada “Livro de Ângela”, sem muitas mudanças significativas dentro da estrutura da obra, como se este momento apenas continuasse o já iniciado no anterior, o Autor continua tecendo afirmações e conceitos a respeito da criação e da existência ao falar de Ângela. Entre eles, já na primeira página, ele irá afirmar: “Preciso tomar cuidado. Ângela já está se sentindo impulsionada por mim. É preciso que ela não perceba a minha existência, quase como que não percebemos a existência de Deus” (LISPECTOR, 1999, p. 101).

O discurso de Ângela se torna mais intenso neste segundo momento; há mais espaço para sua voz que se intercala com curtas e mordazes intromissões do Autor. Ângela fala sobre amor, vida, coisas, e vai construindo um discurso fluido, quase como um fluxo de consciência. O que se vinha notando na primeira parte da história fica ainda mais evidente nesta, e percebemos claramente que Ângela e o Autor possuem visões diferentes de Deus, trazendo para a obra uma dubiedade na imagem que Dele se apresenta.

Já no final do livro, há um processo parecido com o que é vivenciado por G.H.. Trata-se da necessidade do personagem em desvencilhar-se de tudo, de tal maneira que encontre a solidão da existência. Neste momento, também como G.H., o Autor quer a ausência até mesmo de Deus: “Preciso ficar só de mim, a ponto de não contar nem com Deus” (LISPECTOR, 1999, p. 134). Mas, diferente de G.H., que vivencia essa solidão ao extremo, transformando essa vivência em parte do seu discurso no livro, o Autor avisa ao leitor que deixará a página em branco, retornando quando puder. Ele se fará ausente, até mesmo, do leitor. O que ele realiza aqui é a busca do silêncio e não da solidão.

Na página seguinte, a obra continua sem qualquer alteração significativa do discurso até então desenvolvido e já no parágrafo seguinte Deus retorna concebido e afirmado, criatura

na palavra e criador na formação: “O que a nossa imaginação cria se parece com o processo que Deus tem de criar” (LISPECTOR, 1999, p. 135).

Em confronto com o que Ângela diz nas últimas páginas da obra, o Autor tece o que talvez seja um dos momentos mais belos da literatura da autora ao falar de religiosidade. Compreendendo que Deus não apenas excede o sujeito como é também inseparável dele, irá dizer:

Pergunto a Deus: por que os outros? E Ele me responde: por que você? às nossas perguntas Deus responde com pergunta maior e assim nos alargamos em espasmos para uma criança em nós nascer. Mas – mas paz sobre a terra e tranqüila luz no ar. Deus que é o nada-tudo rebrilha numa fulgência suave de um eterno presente, durmamos pois até a semana que vem.

(...)

Nós queremos penetrar no reino de Deus pelos pecados porque se não fosse o pecado não haveria perdão e não conseguiríamos chegar até Ele.

(...)

Um dia o aconchego em Deus e por ínfimo que tenha sido aprendemos isso de estar no regaço morno quando nascemos.

(...)

Deus é abstrato. Esta é a nossa tragédia. (LISPECTOR, 1999, p. 142).

Tendo criado Ângela, o Autor pode lançá-la à terra (aquela em que se vive, como ele mesmo irá afirmar) e descansar em paz após a sua criação. Assim mesmo como fez Deus. Na imanência de Deus, o Autor sendo também Ele, se afasta de sua criação para que ela possa, enfim, caminhar: “Quanto a mim também me distancio de mim. Se a voz de Deus se manifesta no silêncio, eu também me calo silencioso. Adeus” (LISPECTOR, 1999, p. 159).

*

O Autor declara que criará um personagem “como fazem os novelistas” e que este é fruto da grande solidão que sente; por isso, a necessidade da invenção é tão urgente em sua vida. Ângela Pralini será fruto dessa experiência a fim de principalmente buscar uma definição para a vida. Assim, ele se lança na criação de outra vida para entender a própria. Ângela será, como ele mesmo afirma, seu próprio reflexo, tal como Deus faz ao criar Adão, sua “imagem e semelhança”.

Ao ser criada, a personagem se lança numa grande e vasta melancolia expressa através do choro e o Autor reconhece que ela deixa de ser um personagem e torna-se viva:

Ângela não é um ‘personagem’. É evolução de um sentimento. Ela é uma idéia encarnada no ser. No começo só havia a ideia. Depois o verbo veio ao encontro da ideia. E depois o verbo já não era meu: me transcendia, era de todo o mundo, era de Ângela. (LISPECTOR, 1999, p. 30).

Na primeira parte da obra, a voz da personagem é ainda pequena, intercalada por grandes discursos do Autor que busca compreender-se e compreender o mundo, que precisa justificar a criação de Ângela não só para o leitor como para ele mesmo. Em momento algum ele nos apresenta como ela é fisicamente e, enquanto justifica sua criação, vai delineando quem é a personagem. Diferente dele, que transcende o mundo em diversos aspectos, Ângela raramente raciocina, “ela só acredita” (LISPECTOR, 1999, p. 37). E em sua crença, deposita em Deus a certeza de sua própria existência:

Eu me olho de fora para dentro e vejo: nada. Meu cachorro está inquieto. Há alguma coisa no ar. Uma transmissão de pensamentos. Por que as pessoas quando falam não me olham? Olham sempre para outra pessoa. Eu me ressinto. Mas Deus me olha bem na menina de meus olhos. E eu o encaro de frente. Ele é o meu pai-mãe-mãe-pai. E eu sou eles. Acho que em breve vou ver Deus. Vai ser O Encontro. Pois eu me arrisco (LISPECTOR, 1999, p. 57).

Ângela é frágil, medrosa, inquieta e ainda desorientada, tal como acontece com Joana. Perto de personagens como G.H. ou o Autor, as duas representam o princípio de uma formação humana, o desabrochar da vida, o que é ainda inexperiente e frágil. Enquanto Joana se escorava no pai, nos tios, no professor, no marido e em Deus, Ângela tem o Autor e Deus para buscar o porto seguro e a proteção.

A personagem feminina ganha mais espaço e mais voz. Como se estivesse realmente escrevendo um livro, vai apresentando em voz alta suas reflexões sobre a vida, sobre objetos e sobre assuntos, dos mais profundos aos mais banais. À medida que sua voz vai se fazendo presente na obra, o Autor intercala também sua leitura do que Ângela diz/escreve, julgando em vários momentos os conceitos e as atitudes da personagem. A criação vai se emaranhando na escrita, Autor construindo Ângela, Ângela construindo o seu livro, ambos construindo o livro que o leitor acompanha.

No momento em que a personagem passa a definir os objetos e as coisas, instala-se uma importante afirmação a respeito da presença da criação e da concepção que ela tem sobre

a existência: “Se eu fosse Deus eu veria o homem, à sua distância, como coisa. Nós somos de uma fabricação divina” (LISPECTOR, 1999, p. 115). Trata-se de um momento muito significativo no livro porque, diferente do que aparece em outros discursos de personagens clariceanas, a questão aqui não é “se Deus existisse” e sim “se eu fosse Deus”, tamanha é a constatação de Sua existência e de Sua presença. E, principalmente, há neste momento a aproximação na voz de Ângela, de Deus e Autor, já que ambos são capazes de criar, de fabricar o ser humano.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de Domingos Zamagna et all. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada Edição Pastoral*. Tradução, introdução e notas de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancim. São Paulo: Ed. Paulus, 2008.
- BOOF, Leonardo. *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*. Campinas: Verus, 2002.
- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- GOTLIB, Nadia Battella. *Clarice – uma vida que se conta*. 6. ed. ver. e aum. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice *Perto do coração selvagem*. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida (pulsações)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida (pulsações)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira e contemporânea*. São Paulo: Perspectivas: FAPESP: Associação Universidade de Cultura Judaica, 2003.

Artigo recebido em março de 2015.
Artigo aprovado em maio de 2015.